

anarquismo e sindicalismo — 2ª parte¹

florentino de carvalho

VII²

Existe uma confusão lamentavelmente errônea na mentalidade da maioria das pessoas quanto à interpretação das quatro denominações genéricas com que é hoje enunciado o problema social: socialismo, comunismo, sindicalismo e anarquismo.

Temos tentado demonstrar que sem o livre jogo das paixões do indivíduo, sem as condições necessárias para o desenvolvimento pleno das faculdades e das inclinações particulares, toda a organização não passará de um conglomerado sem verdadeiros vínculos de conexão entre os seus componentes; sem os estreitos laços da solidariedade, não haverá possibilidade de uma sociedade harmônica e estável.

A uniformidade não existe nem na natureza nem na vida; este fenômeno só se dá no cérebro anquilosado das

Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares (1883-1947), militante anarquista, publicou artigos em vários periódicos operários e libertários no começo do século XX, como: A Voz do Trabalhador, La Guerra Sociale e A Plebe.

mentalidades autoritárias. Por conseguinte, as diretivas únicas em qualquer ensaio de convivência, serão sempre impositivas e forçosamente falsas.

Decorre daqui que o socialismo embutido no sapato duro do Estado não nos ofereça outra evidência que a comprovação de uma solene mentira e que o comunismo de quartel ou de convento constitua a negação mais redonda, o atentado mais iníquo ao respeito do indivíduo e aos interesses da comunidade.

O regime cristão-estatal-capitalista deu à humanidade uma terrível lição: a demonstração de que a escravização das consciências, o predomínio sobre o pensamento e a dominação corporal, a exploração do esforço muscular dos homens, sempre converterá num inferno dantesco a vida social e apressará cada vez mais a degradação progressiva da espécie.

O Estado é uma entidade que se converte sempre em horrível realidade quando temos à vista e podemos examinar detidamente qualquer de seus agentes ou representantes: o juiz, o burocrata, o gendarme, o político profissional.

Descristianizai e descapitalizai a atual ordem de coisas e convertei o Estado em Deus e em patrão único.

Obtido este propósito, terá sido resolvida a grande questão?

Toda a gama de tipos autoritários, dogmáticos, cegos executores da lei, autômatos obrigados a cumprir inexoravelmente o dever de sua função, fica de pé. O mal que se pretende eliminar, longe de conjurar-se, aumentou-

se, porque a instrução estatal e monopolista estendeu aos membros ativos que a sustentam suas atribuições omnimodas.

Suponhamos por um instante que tivesse sido realizado na Rússia o mentido comunismo do Estado. Haveria quem, fascinado ante este fato, tivesse a ousadia de afirmar que simultaneamente teria mudado a sorte do povo? Conseguir-se-á quando muito, seguindo esta via, solucionar em mais ou menos tempo o problema econômico. Mas poderiam, no fim de contas, os doutores da ciência econômica, os catedráticos da economia política, afirmar seriamente que a felicidade do homem há de concretizar-se no que poderíamos chamar o ideal do porco, que consiste em só engordar?

O homem não é um animal indômito ao que há que domesticar e cujas necessidades se reduzem à satisfação apenas de simples instintos biológicos.

Não o tendes assim admitido e estipulado para vós mesmo, senhores super-homens de todos os matizes do autoritarismo, traficantes da cultura e profissionais da indústria da legislação.

O ser humano em geral — não só o que pertence a uma casta privilegiada — é um ente moral que tem necessidades superiores além dos imperativos fisiológicos de nutrição. E não terá efetividade na manifestação das ideias e dos fatos a personalidade humana enquanto que, ajustando-se à natureza intrínseca e complexa do homem, não haja sido estabelecido e organizado, segundo as situações mutáveis, o meio social correspondente.

Não estamos vendo, como última experiência cruel na história, de que modo a sombra da Rússia se ostenta ameaçadora sobre as cabeças do mundo revolucionário?

Dentro dos limites até onde alcança o poder do Estado bolchevista, é demasiado sabido que pela ameaça de Solovetzky³ e da Sibéria e pela sugestão da boca dos *mausers*⁴ foi obtido peremptoriamente o sonho que acompanhou até o túmulo o inválido Tamerlan⁵: o acatamento absoluto dos dogmas do Kremlin. E para os que mais além das fronteiras do Soviete não queriam se submeter voluntariamente à sua bestial ditadura, fica reservado, imitando o sistema de todas as igrejas, o anátema fulminante da excomunhão. Os césores romanos e Napoleão intentaram conquistar o mundo, levando a guerra a todos os povos que não quiseram submeter-se à sua vontade. Assim a Igreja “comunista” de Moscou, que deu à humanidade a impostura vermelha e a quem cabe a triste primazia de proclamar a excelência da ditadura sobre o valor da ideia de liberdade, condenou à morte, por agonia lenta, ou ao exílio perpétuo, os anarquistas russos e estrangeiros de todos os domínios, os heterodoxos do pensamento oficial e todos os suspeitos de heresia. E com o mesmo espírito dominador e jesuítico, Lênin e Trotsky aconselharam a calúnia da qualidade de anátema contra os inimigos do exterior.

Não são arautos da discórdia em todas as reuniões a que assistem os catecúmenos da investidura vermelha?

E como todos os autoritários do presente e do passado, têm a contumácia de impor ao conjunto social as suas fórmulas estreitas, a sua orientação unilateral e exclusivista.

Não podemos crer, em conclusão, que pelo meio consistente no atentado máximo de expropriar à humanidade de todos os bens, se possa chegar ao fim da justiça.

Só, unicamente pelo resgate e a volta do solo e do subsolo, das matérias primas, dos instrumentos do trabalho e dos produtos elaborados, às mãos do povo, que é o seu proprietário legítimo, poderão ter consagração eficiente o socialismo, o comunismo e todas as formas imagináveis de socialização.

Infere-se de tudo que fica dito que o anarquismo não é uma doutrina de gabinete, que as doutrinas anarquistas não constituem fórmulas elaboradas para que sirvam de decálogo às gerações do futuro.

O anarquismo é o postulado ideal que trata de interpretar a vida em toda a sua diversidade. A anarquia será a sociedade futura em que, livre a humanidade, ou uma parte desta, dos grandes obstáculos que impedem a livre canalização das paixões humanas e o máximo desenvolvimento das aptidões do homem, será começado um novo ciclo de verdadeira civilização.

De nenhuma maneira será um sistema cerrado e uniforme a organização da vida que os anarquistas preconizam. Logo, a associação do homem na federação das agrupações livres não pode estar exposta à falência como esteve e estará sempre destinado à bancarrota o “Estado-prisão”.

VIII⁶

O grande geógrafo Élisée Reclus⁷ representou a evolução e a revolução com uma figura simples e completa: o progresso nas sociedades humanas é um rio caudaloso que deve correr sempre. As suas águas não deixam de caminhar; se um obstáculo se interpõe à sua marcha, será arrastado se não tiver suficiente firmeza estática, e, em caso contrário, mais tarde ou mais cedo, as águas sairão do leito e transbordarão. Assim é o rio crescente das energias humanas; quando os engenheiros de diques, quando os arquitetos de muros para contê-las tenham julgado realizada a sua ideia quimérica de estancá-las, sobrevirá a catástrofe inevitável: serão arrasados os estreitos canais do capitalismo e saltará feita em pedaços a velha muralha do Estado.

Três necessidades fundamentais, inerentes à sua própria natureza e sentida dia a dia de maneira mais intensa e categórica há de o homem satisfazer em sociedade: a manutenção da própria unidade humana, a de continuidade no tempo e no espaço e a do domínio que incessantemente deve ser mais completo do mundo exterior em suas adversas condições. Diremo-lo de outro modo, empenhados como estamos em ser entendidos.

Este animal que há em cada um de nós sente e deve atender, sob pena de atentar contra a sua própria natureza, o imperativo insubornável de dois instintos fisiológicos: a necessidade de nutrição e a de reprodução. E como racional que é, como animal de costumes superiores, se agrada mais esta expressão, sente também o desejo natural antiteológico, de superação intelectual e moral.

Permita-se nos agora perguntar: pode o animal humano, o *homo sapiens*, acanalhados herdeiros da Metafísica, — recitadores autômatos da Retórica! — exercer sem freio na sociedade atual ou em qualquer regime autoritário, seu pleno direito à subsistência no amplo sentido requerido pela dignidade humana?

Por conseguinte essa pirâmide egípcia, com absurdos biológicos e morais que os jacobinos⁸ de todas as escolas intentam edificar, esse engendro estatal — sonhado por comtistas e marxistas — triplamente monopolizador — monopólio das riquezas, de tudo que foi criado pelo esforço produtor, das liberdades e das iniciativas, — esse estado elevado à máxima potência, constituiria, se chegasse a sê-lo, a iniquidade menos humana que cabe imaginar, a maior monstruosidade que se pode conceber.

Antes de impor a todos esse ignominioso truste, esperamos de todos os estadistas que nos resolvam em teoria o seguinte problema moral: a compatibilidade do Estado “perfeito” com a verdadeira soberania individual.

O Estado é para a sociedade o que para o indivíduo é a prisão.

Nesta o homem deforma-se psiquicamente; para a imensa maioria degenera progressivamente a sua fisionomia moral. E quanto mais metódica seja a sua disciplina, quanto mais rígidos os seus regulamentos, quanto mais sábios os cálculos dos seus diretores para prever o desconhecido e submeter a vida à ideal uniformidade, tanto mais se extinguirá a dignidade dos seres que ali sentem e pensam, em maior grau terão sido

exterminadas a consciência e a personalidade. De modo igual acontecerá à atividade e ao pensamento sociais, vertida aquela em moldes inventados por uns poucos e sujeitos este a padrões exclusivos.

Na vida e na Natureza não se registra o menor sintoma de estatismo: se se persiste no extravio mental de encerrar em sistemas estáticos, autoritários a humanidade, esta, após uma agonia lenta, estará condenada irremediavelmente a perecer.

É necessário que insistamos, porém, ainda mais: seriam capazes os sacerdotes da sociologia oficial de nos oferecer as provas daquilo que Hobbes não pode provar? Se o homem é um ser sociável, como a ciência demonstra e eles mesmos tiveram que admitir, por que há de ser submetido para viver em comunidade a um contrato social arbitrário e violento, concebido e estabelecido por meia dúzia para que seja acatado e cumprido desde o berço até a tumba, sem análise nem objeção, por toda a coletividade?

A melhor demonstração de falsidade do “*homo, hominis lupus*”, como tipo comum na mesma humanidade de hoje, podemos encontrá-la no fato incontestável de que, com desconhecimento de legislações e códigos, saibam ainda os homens viver na solidariedade que permite a exaltação do utilitarismo burguês e na esfera de harmonia não quebrada de qualquer modo pela violência estatal.

A solidariedade é uma lei universal que se mantém por cima das caprichosas conveniências, de sórdidas ambições e de convencionalismos absurdos, impostos no passado e no presente com caráter de lei.

A ajuda mútua é um fato mais extenso e universal que a cobiça e a pirataria.

Kropotkin demonstrou-o até a saciedade aos doutores apergaminhados de economia política e aos catedráticos do tresnoitado direito de espoliação.

Quereis convencer-vos, inquisidores de todas as igrejas religiosas e políticas, de como os povos são capazes de remover e colocar em seu verdadeiro centro o mundo social? Deixai que apoiem a alavanca de seus sentimentos solidários e de suas positivas faculdades cultivadas no exercício do trabalho; concedei-lhes, ao menos por uma semana, completa liberdade.

Ficai com a sabedoria dos vossos códigos, com as maravilhas de vossos inventos mortíferos, com o cretinismo de vossas cerimônias, com a sarna moral de vossas almas, com a hipocrisia das vossas relações, com a degenerescência dos vossos costumes, com a vossa obsessão de espíritos dominantes, com a vossa impotência de ventrudos sibaritas. Deixai-nos passar, deixai-nos fazer e agir.

Assim não haverá revolução, deste modo não correrá sangue; com diferente atitude vossa, tereis aumentado o terrorífico fantasma da guerra. A tal atitude de tolerância de vossa parte, prometemo-vos corresponder apagando da face da terra o roubo e a violência glorificados em vossos símbolos: a águia e a balança, a espada e a cruz.

Permiti-nos nada mais que experimentar, para não reivindicarmos com a força o direito de iludir a vossa opressão.

Convidamo-vos, inclusive, a colaborar na nova organização racional a que aspiramos.

Se no prazo de um ano não tivermos conseguido mais bem-estar geral, superior ao nível econômico e moral das condições presentes — atrevemo-nos a interpretar a vontade coletiva de todos os anarquistas — ficai certos de que declinaremos da atitude que tendes qualificado de louca pretensão. E quase vos asseveramos também que solicitaremos a vossa tutela sempiterna, a que até a data ninguém vos ofereceu no sufrágio universal.

Recusais o que vos temos proposto, estais obcecados em seguir explorando e oprimindo?

Quereis então a revolução.

Não vos restam mais que duas perspectivas: ou matais os revolucionários à medida que forem aparecendo no campo social, ou o cataclismo, cuja ideia vos atormenta, privilegiados e autoritários, sobrevirá.

Não temos podido fazer mais sincera confissão.

O Anarquismo, ao contrário do que dizem os corações mesquinhos da classe média, ao contrário do que dizem as almas taradas pelo vício hereditário da submissão, não é um ideal de vingança nem uma paixão mórbida de inveja ou de terror.

É a ideia universal de justiça contida em todos os movimentos de rebelião, é a ânsia reparadora da multidão. É a liberdade do indivíduo e do gênero humano cujo extermínio a Santa Inquisição não conseguiu com as suas fogueiras; é a verdade da ciência, o fruto do trabalho, a luz

do pensamento que hão de ser convertidos em comum patrimônio de toda a humanidade.

IX⁹

A ideia anarquista não é, segundo temos podido constatar, uma simples abstração de intelecto, não é uma quimera sem possibilidade de admitir sequer o menor contato com a realidade.

O anarquismo, na mesma hora que vivemos, é de fato o pensamento, sentimento e ação; é o movimento de vontades e a filosofia de todas as potências individuais e sociais postas em dinamismo tendentes à consecução da máxima liberdade para o indivíduo e ao aumento constante do bem-estar geral.

No mundo, porém, não há somente fatos fatais, produzidos pela mecânica universal e complexa da vida. Nem as ideias que põem em movimento as energias humanas são sempre um resultado forçoso imposto à consciência individualizada e seguindo uma direção unilateral.

No cosmos social são igualmente absurdos o livre arbítrio dos teólogos e o fatalismo econômico proclamado pelos rastejantes ideólogos do “socialismo científico”. Existe, como fenômeno subsequente às leis inexoráveis da Natureza, a vontade humana como fator importantíssimo da evolução e criação.

As energias cósmicas agem sobre o homem como ente natural que é, e este, pelo poder da sua consciência e do seu raciocínio, transforma em ações reflexas aquelas forças,

aplicando-as à vida em suas três grandes manifestações: natural, social e moral.

Um dos grandes fundamentos da filosofia anarquista é constituído pelo princípio cientificamente comprovado que se denomina *determinismo psicológico*.

Negada a possibilidade de uma relativa autodeterminação da vontade em cada um dos seres pensantes, não poderá ser concebida uma sociologia da liberdade.

Tenhamos, pois, em conta esta premissa, depois de estabelecida a sua veracidade, como um fato cientificamente aceitado.

Temos confirmado que o anarquismo é, antes que um postulado doutrinário, um movimento voluntarista.

Vejamos de que modo orientar com mais acerto esta vontade, quais meios práticos e que métodos serão mais eficazes para que as vontades socialista-anárquicas possam influir sobre as presentes condições sociais como uma potência de transformação.

Ao expormos as ideias anarquistas numa síntese geral, mencionamos as quatro grandes denominações com que é enunciado e conhecido o problema social na Europa e na América.

Formulamos uma breve crítica das duas primeiras correntes enumeradas, das duas escolas mal qualificadas de socialista e comunista.

Analizamos agora a terceira dessas grandes manifestações: *o sindicalismo*.

Desde meados do século passado, em que o capitalismo — aproveitando invenções mecânicas, novos e mais técnicos processos dos métodos de produção — iniciou um novo ciclo de prosperidade, um novo fato social se apresenta na vida moderna: o aparecimento do *proletariado*.

Os operários industriais, aglomerados nas grandes fábricas dos centros de população, vítimas de uma maneira cada vez mais intensa da “férrea lei do salário”, tosquiados e oprimidos de um modo sem cessar crescente em celeridade e em extensão, chegam por fim, depois de cruéis sofrimentos, a sentir-se irmanados pela dor.

Determinados por esta situação econômica e moral, os trabalhadores da Europa ocidental realizaram no período de 1830 a 1860, a primeira etapa de um movimento associativo que depois se tornaria geral. Organizações de proletários de diversas profissões foram constituindo-se neste decurso de tempo com fins de apoio mútuo e defesa comum.

Como resultado deste processo de fatos e de vontades, sobreveio em 1864, a formação da Associação Internacional dos Trabalhadores.

A partir daqueles anos, o movimento operário que se associa aos explorados para resistir aos embates da exploração seguiu com incremento e demonstrando constantemente mais vigor em seus vínculos de solidariedade.

Mas note-se bem: a velha A.I.T. foi edificada sobre uma base puramente corporativa. Karl Marx pronuncia a famosa expressão: “Trabalhadores do mundo, uni-vos”.

Esta proclamação oferece-nos, com uma face bem clara, a fisionomia moral da 1ª Internacional.

O mesmo homem, alentador deste grande movimento unionista, quebrantar-se-á depois o propósito indefinido da associação, querendo encaminhar as ações que a integram pela estrada do reformismo e da conquista do poder.

Tal orientação que implicava num desvio flagrante, numa claudicação da rebeldia exteriorizada contra o jugo patronal e contra a dominação autoritária, devia encontrar uma resistência. Os operários espanhóis, jurassianos, italianos etc. possuindo uma compreensão mais ampla dos fins que o proletariado organizado devia traçar-se, expressaram a sua rebeldia, a sua inconformidade contra o pensamento tortuoso do Conselho Geral daquela entidade. Mikhail Bakunin sustentou, interpretando o pensamento de todos, a oposição mais rude e tenaz.

É indubitável que toda agrupação humana, cujos membros se associaram determinados por uma vontade sentida, deverá traçar-se também uma finalidade. Lógico era, pois, que sendo um desejo revolucionário o que unia os trabalhadores de todos os países, se propusessem como objetivo comum chegar a uma transformação profunda, preparar as condições indispensáveis para uma revolução social.

O movimento orgânico dos trabalhadores que se tem inspirado, com declarações mais ou menos precisas, em um ideal inovador, cujos componentes aspiram a uma mudança fundamental das bases e da estrutura orgânica da sociedade, é o que se tem qualificado com o termo *sindicalismo*.

Pois bem; permita-se nos perguntar: este nome vai mais além de uma simples e convencional denominação?

Ninguém ousará negar que antes de conhecer-se este termo — antes que os camaradas anarquistas da França prestassem, inventando-o, um fraco serviço às ideias — não existisse o movimento operário, as organizações proletárias, ou bem seguindo uma trajetória reformista ou inspirada num anelo de revolução.

Para que, então, novas classificações gramaticais? O verbalismo em nossas atividades intelectuais é uma funesta herança do culto latino à Retórica e do tributo rendido na Idade Media à Metafísica, cujas consequências confusionistas haveremos de suportar por muito tempo ainda.

É de lastimar que os nossos companheiros franceses, Pouget, Ievot, Theilier, Pelloutier, Tortelier etc., não tivessem em conta as lições de sadia reação contra tudo que significa aparatosidades linguísticas e complicações não objetivas da vida e do pensamento, seguindo o exemplo do mestre das letras francesas e nosso grande precursor: François Rabelais!

Temos impugnado nas linhas precedentes, não só o defeito da logomaquia infiltrado na esfera do pensamento revolucionário, mas também — e o que é pior — as complicações levadas ao terreno das determinações e da atividade quotidiana.

Que esta observação corresponde a uma lamentável verdade comprová-lo-emos ao examinar as direções que tem seguido a vontade de fazer, inspirada e alentada pelo pensamento anarquista, que por sua vez — não há

que esquecê-lo — foi concebido e elaborado recolhendo experiências e consultando fatos.

X¹⁰

Que o sindicalismo não tem natureza própria — ao contrário do que não há muito afirmava um camarada — prova-o o fato de que pode ser social-democrata ou bolchevista, fascista ou católico, anarquista etc. Não sendo mais que o nome dado ao movimento operário, ele terá o caráter que lhe infundam com a sua mentalidade e o seu temperamento as minorias ativas que o orientam.

As discrepâncias de pensamento suscitadas no seio da Internacional motivadas pela orientação que devia dar-se às “sociedades de resistência” apresentaram um importante problema aos militantes das mesmas: a escolha dos meios conducentes ao fim comum de transformar a sociedade.

É conhecida a diferença de critério a este respeito, quanto aos métodos de luta a seguir entre os chamados marxistas e bakuninistas, entre autoritários e libertários.

O congresso antiautoritário, celebrado em Setembro de 1872 em Saint-Imier, representa a rebeldia da liberdade — que inspirou a fundação da A.I.T. — contra o dogma autoritário e o espírito de dominação, encarnado em Karl Marx e os seus amigos.

Desde então até hoje, a separação das organizações proletárias em todos os países, seguiram direções diferentes, é inevitável.

Muito empenho foi posto e muito boas intenções têm sido consagradas ao propósito de retornar à unidade.

Grande número de companheiros anarquistas tem sofrido, obssessionados por esta ideia, de excessiva ingenuidade.

Felizmente, parece que as duras lições oferecidas pelo tempo chegaram a dissuadi-los do intento vão de estabelecer um acordo dentro de um mesmo marco de luta para alcançar o ideal comum de emancipação.

É sabido que, quando estava para fazer-se a luz, uma nova corrente de vontades fez a sua aparição, pretendendo incorporar às ideias socialistas, com a denominação de *Sindicalismo*, uma nova doutrina social.

Cerrando os olhos ante a investigação serena do passado, ante a realidade instrutiva do presente e em face aos verdadeiros destinos do futuro, anunciou-se ao mundo operário, a descoberta de uma nova orientação. Para alcançar o fim, em cuja direção tinha que se encaminhar, rotas diferentes às já conhecidas haveria que seguir. E para não sofrer extravio, dispor-se-ia também de uma bússola especial.

O novo horizonte de onde, a seguir, viria à luz e ao qual havia que se dirigir, era o sindicalismo como fim, as organizações corporativas como órgãos da revolução e da futura sociedade.

O mundo distinto constituiu-lo-ia a precedência absoluta, o isolamento de toda a influência política, filosófica e religiosa; e como bússola infalível, como pedra filosofal, a consciência de classe.

Pretendiam conjurar em princípio o perigo de que se repetissem sem cessar as velhas disputas tendenciosas e intentava-se, como máxima finalidade, conseguir de

novo o irrealizável: a fusão dos trabalhadores em um só movimento internacional.

Acreditou-se, portanto, se haver encontrado um novo centro para equilibrar sobre ele toda a ação revolucionária mundial: a luta de classe sem a pressão externa, sem o influxo perturbador de ideologias estranhas.

Que significação tem tido no movimento revolucionário a intitulada escola sindicalista?

Em nossa opinião, provocou em quase todos os países um processo de involução, cujas projeções alcançam as lutas atuais e cujas consequências irremediáveis até hoje seriam difíceis de calcular.

Perante o juízo e a comprovação de todos, oferecem-se, por exemplo, a situação do proletariado francês e as tortuosas atitudes do bloco possibilista espanhol durante quinze anos, se não se quer dar crédito à nossa opinião.

Segundo o nosso entender, o sindicalismo, malgrado as suas pretensões de nova teoria, não representou senão a volta ao primitivo e estreito conceito corporativista da A.I.T.

Posteriormente estudaremos as suas pretendidas concepções e o seu sistema para o futuro, com mais extensão.

Temos lido e ouvido repetidíssimas vezes definições expostas neste teor: “o sindicalismo é o movimento corporativo das classes trabalhadoras em luta permanente contra o seu inimigo natural, o capitalismo.

Sindicalismo é a denominação com que se conhecem as lutas da classe operária na defesa de seus interesses contra o capital. É o resultado fatal da concentração de jornaleiros nas grandes fábricas dos centros de população industrial. A passagem do artesanato à manufatura e a transmissão desta aos estabelecimentos de dispositivos mecânicos facultaram as condições de dissociação entre produtores legítimos e produtores nominais: a máquina quebrou os velhos vínculos morais que caracterizavam a vida da oficina; o binômio *patrão e assalariado* expressa a característica da moderna face econômica da sociedade.”

A pugna biológica, de defesa instintiva dos interesses encontrados de cada setor inimigo, entenderamos sindicalistas neutros, que era a única manifestação atendível da guerra social contemporânea.

A beligerância das ideias, das opiniões, do pensamento, que cada cérebro pode conceber e expor, relacionados com os fins e com a atividade consequente das coletividades gremiais, em nada poderia perturbar o rígido curso do sindicalismo cem por cento.

O ponto ideal em que devia situar-se o “sindicato” era, pois, o da equidistância entre o socialismo e o anarquismo. Dilucidar questões de doutrina, propagar os princípios de socialização da terra e da riqueza em geral, aconselhar a luta impostergável contra a burguesia e o Estado sob qualquer de suas formas, manifestar-se contra a autoridade do sacerdote, do legislador e do patrão no templo sindical, era — Pestaña¹¹, de cabeça já encanecida, assegura-nos doutoralmente que é, apesar de tudo, — fazer política, desviar com sugestões do intelecto, a realidade econômica, do seu leito natural.

Falar aos trabalhadores da necessidade de traçar-se o propósito decisivo de evadir-se deste imenso cárcere — destruindo-o — tem equivalido, para os sindicalistas imaculados, a uma fantasmagoria filosófica que distrai aos trabalhadores sem que a possam compreender.

XI¹²

Convenhamos ante o exposto em que o sindicalismo — o movimento operário considerado como tal — é algo muito semelhante ao que foi o corpo de Adão antes de infundir-lhe o padre eterno o sopro vital: um montão de barro dúctil e maleável, suscetível de submeter-se a qualquer aplicação e forma.

Examinemos o problema.

Em anteriores capítulos temos constatado que a humanidade não vive com os regimes atualmente imperantes no melhor dos mundos.

Por esta causa os escravos modernos procuram atenuar o seu mal-estar somando e elevando a potência coletiva às vontades individuais para a defesa comum.

Dito de outra maneira: uma organização social sustentada pela violência e pelo engano para a exploração e a servidão teria de provocar fatalmente a desconformidade explícita dos explorados e servos com as causas que os submetem à condição de tais.

Tal descontentamento constitui o primeiro motivo gestor das associações proletárias.

Pois bem: dita atitude de rebeldia incipiente poderá projetar-se numa reta sem limites, ou poderá ser desviada numa curva que volva ao ponto de partida. Neste caso, estão os sindicatos orientados por tendências autoritárias, bem como os submetidos à égide do capitalismo (Federação Americana do Trabalho) ou sob a influência do Marxismo (*Trade-Unions* inglesas, Sindicatos vermelhos da Rússia); ou patrocinados por qualquer religião ou qualquer Estado (Corporações gremiais católicas, fascistas etc.).

Distintamente, na primeira de tais situações, as organizações inspiradas pelo anarquismo e propulsionada a sua atividade por vontades anarquistas (Confederação N. do Trabalho de Espanha, F.O.R. Argentina, Federação Operária de S. Paulo, Brasil etc.)

Já o temos insinuado: cada proletário que se agrupa aos demais nas sociedades gremiais, faze-o, na maioria dos casos, alentado por um propósito defensivo. Não se propõe destruir a cadeia da exploração, libertar o pescoço da gargalheira do salário; crê religiosamente que aquela será eterna e aspira simplesmente a conseguir maiores forças para que lhe resulte menos pesada; deseja unicamente não ser estrangulado por este. Conformar-se em permanecer ungido ao carro da miséria, desejando apenas não suportar o jugo da fome.

É esta a que poderíamos qualificar de *matéria prima*, com que em suas bases estão formados os sindicatos.

A cada sindicato profissional concorrem os operários considerados como elementos de um ofício determinado:

alfaiates, sapateiros, pintores, padeiros, tecelões, etc. Mas haveriam de ser subjugados na oficina e na fábrica, pela profissão, e escravos fora dela por uma sempiterna mania profissional?

Lopes Arango¹³ disse com grande acerto: o indivíduo vale pelo que pensa e não pelo que produz. Quer dizer, seu valor distintivo está no que o homem supõe como unidade consciente e determinante do progresso e não como fator cego e forçado da produção.

Não terão os operários padeiros, por exemplo, um valor nem individual nem coletivo para a marcha ascendente de um povo, pelo fato de prepararem as massas do pão, de trabalhar até ao esgotamento, atendendo com seu esforço uma necessidade iniludível da população. Mesmo sentindo o orgulho de elaborar o manjar mais indispensável à vida, não passaria, quem tal necessidade sofrera — se não tivesse outra virtude — de instrumento de trabalho, de motor de sangue, de animal de tiro no carro da produção.

Hoje, na época do maquinismo galopante, o trabalho, para quem aspira a uma sociedade sem parasitas, é um timbre de dignidade; mas para o autômato de cérebro e de coração, é envilecedor.

O fato de rebelar-se como explorado e de pensar numa sociedade mais humana, de lutar por um princípio de equidade, constituirá, sem dúvida, um verdadeiro mérito social; não de igual modo a ação mais ou menos mecânica de produzir.

Por ventura a maioria dos trabalhadores não se submete à situação de tais porque as circunstâncias não lhes são

propícias para mudar o seu papel pelo do mais vulgar e desumano explorador?

São incontáveis as tolices que se têm tentado fazer passar por princípios filosóficos.

Calino pretendeu, às vezes, valorizar as de menos sentido e de menos bom gosto, ilustrando-as, para maior compreensão, com alguma estupidez.

Algo disto ocorreu com respeito ao assunto de que nos estamos ocupando.

Tem-se dito: o sindicalismo é a doutrina da ação como o anarquismo o é do pensamento.

O sindicalismo é o braço, enquanto que o anarquismo é o cérebro da revolução.

O sindicalismo libertário será, é já de fato, o veículo em que devemos embarcar-nos; a anarquia é o longínquo e luminoso ponto do horizonte ao qual nos devemos dirigir.

Unguento de retórica, incenso literário, verborragia!

Por acaso a doutrina da verdadeira ação revolucionária não é o pensamento anarquista, e este não se traduz em sentimentos e em fatos como já temos dito e provado mais de uma vez?

O anarquismo não é um fluído etéreo que se corrompe em contato com as coisas dos mortais e se converte em pó e lodo quando desce das alturas.

O descontentamento momentâneo e circunstancial dos explorados deve ser convertido em raciocínio crítico, em sentimento criador, e projetado em aspirações de

liberdade: deve traduzir-se no desejo constante de chegar a uma fundamental transformação das relações econômicas e morais. Eis aí o dever dos anarquistas.

Onde deverão cumprir esse dever senão em todos os lugares em que prestem o concurso de sua atividade pessoal?

Apresenta-se na vida, tanto aos indivíduos como às coletividades, um dilema de cujos termos não é muito fácil escapar: ou se está com a reação ou pela revolução. (Claro que isto não quer dizer que estejam contra nós quantos não nos acompanhem na ação. Não se deve esquecer que são muitos os paralíticos da vontade).

E se há sindicatos, organizações proletárias que estão pela revolução, que mantêm uma beligerância revolucionária, e cujos militantes são anarquistas, por que não hão de serem anarquistas em maior ou menor grau tais agrupações gremiais?

Que tais instituições têm defeitos equivalentes cada um a uma negação das ideias? Mas, por acaso, não os há igualmente no grupo em mais ou menos quantidade? Não é também defeituoso cada indivíduo ainda que se chame e de fato seja anarquista?

Nós não coincidimos com os que em nome do realismo levantam altares a Sancho Pança, nem compartilhamos o pensamento dos que, fazendo da anarquia uma deidade, substituem velhos absurdos com dogmas novos.

Parece-nos que as persistentes invocações da ideia pura, não representam senão uma litania libertária que converte o anarquismo em doutrina religiosa.

E de igual modo as especulações antifilosóficas de alguns aspirantes a filósofos, soam-nos como as últimas salmodias do marxismo decadente postas em solfa sindicalista, tal o ensino negativo que nos oferecem em Espanha os teóricos do possibilismo, os devotos do praticismo, os “trinta” semideuses destronados.

Quer-se um materialismo grosseiro e rastejante, senhores sindicalistas catalães?

Em resposta a tão mesquinha pretensão, aconselhamos — permita-se nos este atrevimento — a leitura do folheto de R. Rocker “A maldição do praticismo”¹⁴. Entretanto, aplaudimos aos anarquistas espanhóis que, depois de repelir o marxismo pela porta, não permitiram que penetrasse no movimento operário pela janela.

Pelo contrário vós, anarquistas, quereis a ideia sem mancha?

A posse desta só pode ser privilégio de raras individualidades: de um Reclus, de Louise Michel, Fermino Salvochea, E. Malatesta. Poderá encontrar-se íntegra em um Max Nettlau, mas nunca em agrupamentos humanos.

Não estejamos iludidos.

XII e último¹⁵

No movimento revolucionário de língua portuguesa encontra-se, como nos demais países uma considerável diversidade de opiniões sobre a atitude dos anarquistas

ante os sindicatos operários. Poderemos polarizar em dois extremos as diversas e distintas opiniões:

Neno Vasco de um lado e a União Anarquista Portuguesa (U.A.P.) de outro.

O primeiro disse que “o anarquismo é sindicalista desde o berço” e que “quanto mais anarquista, mais sindicalista”.

Para o camarada desaparecido, o sindicalismo era o Centro coligador de todas as vontades revolucionárias, de todos os elementos de produção, enquanto desempenham somente esta função. Mas até aqui, é todavia mínima a sua importância.

Traduzindo o pensamento de Eugène Varlin, um dos elementos assassinados pelos versalheses da Comuna de Paris, e identificando-se com ele, diz:

“... pois são elas que formam os elementos naturais da edificação social do futuro; são elas que poderão facilmente transformar-se em associações de produtores; são elas que hão de poder utilizar a ferramenta social e organizar a produção.”

Refere-se às sociedades corporativas e de resistência, como naquele tempo se dizia.

Posteriormente, os anarquistas portugueses fizeram afirmações contrárias.

Vejamos o que dizia, há dez anos a U.A.P., com respeito à sua atitude em face do sindicalismo:

“O anarquista, homem livre e inteligente, culto e idealista, não suporta naturalmente o meio criado nas organizações sindicais; e se lá dentro pretende exercer a sua ação, ou é absorvido ou é deslocado...”

Depois de algumas considerações deste teor, chega a conclusões como estas:

“O sindicalismo revolucionário, que apenas possui objetivos materiais e exclusivos, desenvolve o egoísmo natural das massas; o sindicalismo revolucionário, pela sua estrutura orgânica e processos de luta, está imbuído de autoridade!”

Como acabamos de comprovar, as corporações gremiais, mesmo sendo de caráter abertamente revolucionário, tem tido as mais diversas apreciações, quanto ao seu valor.

Para alguns anarquistas, constituem os atuais sindicatos as células embrionárias da Sociedade futura...

O IV Congresso da A.I.T., realizado em Basileia em 1869, deu impulso e expansão à ideia de que as “sociedades de resistência”, criadas desde já por uma necessidade da luta contra o atual mundo de monopólio e exploração, seriam os órgãos de uma nova estrutura social no porvir.

As distintas tendências sobre o assunto têm sido atenuadas e também exageradas. Alguns viram no sindicato atual o Alfa e Ômega da revolução social, a panaceia do presente e do porvir, como os sindicalistas franceses Pierre Besnard e Huart; outros, ao contrário, como alguns dos elementos conhecidos em nosso meio social — repetem constantemente, até a saciedade, que cada núcleo de organização gremial deve significar qualquer coisa assim como asilo de inválidos, como um refúgio de mendigos, como se fossem monturos de ex-homens.

Não coincidimos nem com os segundos e muito menos com os primeiros. Ainda que incorramos no perigo de ser exagerados, insistiremos em que não temos fé em alguma palingenesia social; não acreditamos que possa haver ou que chegam a descobrir-se caminhos únicos ou fórmulas salvadoras.

Parece-nos que não deixa de ser uma ilusão desconcertante o pensar que determinada corrente, grupo ou opinião individual se creia estar no mesmo plano daquela ideia com que um louco estampava na capa de um livro seu: — “A fórmula justa do Bem-estar Social”. Não seria mais viável entender que a verdade é sempre relativa, e que, sobretudo, não devemos ter a pretensão de querer monopolizá-la?

Em vez de oficiarmos no papel de *dominós* e afirmarmos com ênfase que os outros estão errados, melhor seria que, com modéstia e tolerância exaltássemos as outras vontades para que, na multiplicidade das manifestações, lutassem sem cessar e cada dia mais intensa e amplamente, pela liberdade e pelo bem-estar de todos os progressos sociais, contra o autoritarismo e contra o mal.

Neno Vasco, muito mais os sindicalistas franceses e espanhóis contemporâneos que se esforçam por fazer do sindicalismo uma nova igreja, afirmam que a missão das organizações é mais *pós* que *pré-revolucionária*. Nós opinamos o contrário.

Assim como a vida econômica e social presente ultrapassa os limites das leis convencionais e dos códigos absurdos, do mesmo modo e com maiores proporções nos parece que a convivência futura dos homens não poderá ser encaixada nos moldes acanhados que os engenheiros

do sindicalismo preparam na atualidade para as gerações vindouras.

Por isso mesmo é que o livro de Besnard, *Os sindicatos e a Revolução Social*, nos parece algumas vezes um “catecismo sindicalista”— expressão feliz de um mestre das ideias — e outras uma infantilidade, própria de uma criança próxima aos 50 anos, enérgico defensor das suas opiniões.

Insistamos pela última vez: o sindicato — ou como se queira chamar — enquanto está no seu papel de agrupação de homens que estão vinculados estreitamente à vida social, como elementos indispensáveis à sociedade capitalista, julgamo-lo um dos meios mais eficazes de atividade revolucionária.

Naturalmente quando homens de pensamento e de temperamento revolucionário e dinâmico influam na sua orientação.

Vejamos: se os assalariados agrupados nas associações proletárias; se os escravos do capitalismo, ligados pelo interesse comum e estimulados pela solidariedade na luta, se declaram em rebeldia contra o capital, não será afetado o seu equilíbrio de uma forma mais real dentro das atuais condições de vida?

Se o Estado quer impor aos trabalhadores uma lei mais ignominiosa que as demais, com as mesmas forças de ação anticapitalista poderá ser travada a luta antiestatal.

Assim que seja à força, estamos ligados, como trabalhadores que somos, ao regime que pretendemos destruir.

O vínculo que nos une (o Trabalho) — quem o ignora? — pode ser convertido numa ferramenta utilíssima de luta defensiva e ofensiva, sabendo-a esgrimir.

O que nos une e confunde com o mundo atual na qualidade de anarquistas?

No primeiro caso, ainda que tentássemos por de lado uma das partes, ou mesmo que tentássemos por simultaneamente as duas, não haveria possibilidade de solução de continuidade entre nós e o nosso inimigo.

Que atitude negativa equivalente à greve, por exemplo, poderíamos assumir no caso de uma luta defensiva num movimento anarquista especificado contra o capitalismo ou contra o Estado?

Contam os anarquistas e simpatizantes nalguma parte do mundo em algum país com forças para declarar a guerra ao mundo burguês e incitar depois a todos os que o não são à luta pela Revolução Social?

Mesmo que os anarquistas pudessem sozinhos fazer a revolução e por temor ao fracasso ou por negligência não se decidissem a começá-la, que outra coisa poderão fazer hoje — enquanto não se descubram novos métodos e procedimentos mais profícuos de propaganda e combatividade — do que aquilo que já fizeram ontem?

Se nos vimos repelidos pelos que vivem satisfeitos com a sua escravidão, aonde iremos senão onde se encontram os descontentes e predomina mais ou menos o estado de revolta, ainda que os rebeldes não saibam explicar-nos O PORQUÊ da sua rebeldia?

Camaradas que acusais aos sindicatos de não ser cada um deles mais que uma fábrica de lágrimas: esperamos

que algum dia nos tire deste atoleiro onde nos colocam as interrogações que acabamos de formular.

Creemos que se haverá compreendido, pelo que acabamos de expor, que a nossa intenção é somente expressar o nosso descontentamento por tudo que signifique unilateralidade.

Ao contrário, entendemos que é preciso seguir todos os caminhos, recusando-nos, claro está, a seguir aqueles que por experiência ou por razões de consciência temos a certeza de que nos irão extraviar.

Não poderemos resistir a este respeito, à tentação de dar a palavra ao nosso mestre e sábio Max Nettlau.

Ouçamos o que ele diz com mais profundidade de conceitos e com maior beleza de expressão:

“Uma ideia viva não pode ser nunca acabada, aperfeiçoada, sublimada em quintessência, numa fórmula, num programa ou numa plataforma, encarnada num homem.

Isto significa precisamente encerrá-la numa prisão onde languescesse em vez de florescer, abrir-se e estender-se. A ideia libertária tem necessidade a cada instante de ser alimentada em terrenos novos e amplos, pela experiência de aplicações novas; imaginar-se que partindo de alguns grupos e periódicos ela irá um belo dia, em linha reta, a regenerar a humanidade, é de um simplismo apergaminhado. Não; a sua missão e trabalho a defrontam no grande mundo, onde ainda há, apesar dos maus tempos, uma grande quantidade de homens cheios de vitalidade, que saberão ser-lhe tão úteis fiéis guardiões, mas que não

devem converter-se em seus sequestradores, pretendendo monopolizar as ideias.

Levemo-la ao grande mundo dos progressos humanos que é o seu ambiente fraternal e favorável.

Não devemos reçar que se desnaturalize ao contato do ar livre; teria mui pouco valor se qualquer contato pudesse prejudicá-la.”

Identificamos o anelo comum de estabelecer um mundo novo?

É nosso fim a Liberdade e são libertários os nossos meios? Isso basta.

Sem nos perdermos em doutrinarismos artificiosos, sem contradizer o nosso pensamento com atitudes de criticômanos e de dogmáticos, empenhemo-nos em somar cada dia maior número de vontades para a causa do progresso.¹⁶

É mais urgente a multiplicação das consciências livres e a formação de caracteres fortes que a superprodução de aparatos sindicais, ou de utopias anárquicas.

Anarquismo? Sindicalismo? Prescindi, se assim o quereis, de vos definirdes por qualquer destes termos.

Lutai para que o homem seja mais humano, mais tolerante e mais digno.

Trabalhando todos neste sentido, a Anarquia não será amanhã um belo sonho e uma esperança vã.

Notas

¹ Em *verve* 38 publicamos a primeira parte desta coletânea de 12 artigos de Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares, encontrados originalmente no jornal *A plebe*, em 1933. Os textos foram reunidos e organizados por Rogério Zeferino Nascimento, a partir de longa pesquisa. Em *A Plebe*, Florentino de Carvalho assinou os textos como L.M. ou I.M. O título “Anarquismo e sindicalismo” se refere ao título da coluna — Temas de sempre: Anarquismo e sindicalismo — em que os textos eram publicados. (N.E.)

² L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 32 (Nova fase), p. 02, 01 de julho de 1933. (N.O.)

³ Campo de prisioneiros e presídio situado na Ilha Solovetsky. Em 1921 recebeu centenas de marinheiros revoltosos de Kronstadt. Fechado em 1939, no início da II Guerra, devido à proximidade com a fronteira da Finlândia. (N.E.)

⁴ Pistolas e espingardas da fábrica alemã de armas Mauser. (N.E.)

⁵ Tamerlan, comandante nascido no atual Uzbequistão que, no final do século XVI (circa 1370) conquistou territórios e fundou um império na região do rio Volga, Cáucaso e parte da Rússia. (N.E.)

⁶ L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 32 (Nova fase), p. 02, 08 de julho de 1933. (N.O.)

⁷ Apesar da importância de Reclus no pensamento social, os cursos de humanidades, sobretudo Ciências Sociais e Geografia, nada vêem sobre sua contribuição particular. Ainda mais pelo fato dele ter sido também um homem de ação, tendo participado, de armas na mão, na Comuna de Paris em 1871. Os cursos de Ciências Sociais, por exemplo, quando apresentam os pensadores evolucionistas, limitam-se aos “evolucionistas vitorianos” deixando de lado os “evolucionistas revolucionários”, como Reclus e Kropotkin se definiam. Estes evolucionistas discordavam das concepções de evolução linear, da ideia de progresso necessariamente lentas, recusando revoluções e retrocessos, como estabelecido pelos vitorianos. Para Reclus a evolução não exclui a revolução, constituindo apenas no mesmo dinamismo transformador dado em ritmos diferentes. Eles não concebem a estagnação na vida social humana. Assim a evolução e a revolução traduzem mudanças que podem ser lentas e podem ser rápidas. A evolução não é unilinear e comporta possibilidades de retrocesso. Ainda mais, a evolução pode ser violenta ou pacífica, do mesmo modo que a revolução. Suas monumentais obras intituladas *Geografia Universal* e *O Homem e a Terra* não foram publicadas integralmente no Brasil (N.O.)

⁸ Os jacobinos compunham um grupo de conspiradores que, durante a Revolução Francesa de 1789, defendiam uma reforma da sociedade a partir de concepções centralizadoras e autoritárias. (N.O.)

⁹ L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 33 (Nova fase), p. 02, 15 de julho de 1933. (N.O.)

¹⁰ L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 36 (Nova fase), p. 02, 05 de agosto de 1933. (N.O.)

¹¹ Angel Pestaña (1886-1937) anarco-sindicalista espanhol. (N.E.)

¹² L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 37 (Nova fase), p. 02, 12 de agosto de 1933. (N.O.)

¹³ Emílio Lopes Arango (1894-1929), anarquista espanhol radicado na Argentina. (N.E.)

¹⁴ Rudolf Rocker (1873-1958) teve uma produção significativa em torno da questão do sindicalismo, além de alertar contra o socialismo autoritário na URSS e na Espanha. Não foi possível, no entanto, localizar o folheto mencionado. (N.E.)

¹⁵ L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 39 (Nova fase), p. 03, 09 de setembro de 1933. (N.O.). Era nosso propósito comentar e opinar sobre outros aspectos em torno deste tema, que, de maneira improvisada, temos vindo analisando. Mas a limitação das possibilidades para a saída regular de “A Plebe” nos obriga a desistir. Não devemos ocupar com um escrito pesado, por extenso, um espaço que se torna indispensável, agora mais do que nunca, para tratar de assuntos de maior atualidade. Em todo o caso voltaremos a dar nossa opinião, quando as circunstâncias o requerirem, sobre estes problemas que oferecem – quanto se criticam ao menos opiniões desatinadas – algum interesse.

¹⁶ No texto original este parágrafo repetia-se após o parágrafo seguinte. Decidimos cortar a repetição por entender que se tratava de um erro tipográfico e não uma ênfase dada pelo autor, já que o recurso da ênfase não é utilizado em qualquer outro destes artigos. (N.E.)

Resumo

Apresentamos aqui uma coletânea de textos de Florentino de Carvalho em torno do anarquismo e sindicalismo publicados no jornal anarquista A Plebe. Nesta segunda parte, Florentino de Carvalho analisa a proposta do sindicalismo como único meio revolucionário, alertando contra as práticas e discursos autoritários que surgem no próprio meio sindical, bem como seus aspectos conformistas. Afirma a importância da diversidade no anarquismo e os perigos da unilateralidade.

Palavras-chave: Florentino de Carvalho, sindicalismo, anarquismo, revolta.

Abstract

Here is a collection of writings by Florentino de Carvalho on anarchism and syndicalism published in the anarchist newspaper A Plebe. In this second part, Florentino de Carvalho analyzes the proposal of syndicalism as the only revolutionary way, warning against the authoritarian practices and discourses that emerge in the union environment itself, as well as its conformist aspects. He affirms the importance of diversity in anarchism and the dangers of unilateralism.

Keywords: Florentino de Carvalho, syndicalism, anarchism, revolt.

Anarchism and Syndicalism — 2nd Part, Florentino de Carvalho.

Indicado para publicação em 24 de agosto de 2020.